

A voz dos que saíram da comunidade joanina:

Um exercício exegetico-indiciário a partir de *I Jo* 5.6-12

The voice of those who left the Johannine community:

An exegetical-indiciary exercise from I John 5.6-12

Francisco Benedito Leite¹

ethnosfran@hotmail.com

Elcio Mendonça²

elciovmendonca@hotmail.com

Resumo

Nos *escritos joaninos* temos uma briga discursiva entre diferentes interpretações a respeito das questões: “quem é Jesus” e “de como era a interpretação que seu discípulo amado deixara a seu respeito para sua comunidade”. A voz de uma das alas dessa disputa se perpetuou como canônica e é conhecida por nós através da forma final que obteve o *Evangelho de João* e também das três cartas atribuídas ao mesmo autor. A voz de outra ala da disputa se perdeu e os seus representantes ficaram conhecidos pela posteridade como hereges separatistas. Através desse texto, pretendemos reconstruir parte do discurso dessa parcela tida como separatista da comunidade joanina, a partir de *I Jo* 5.6-12. Como não deixaram legado escrito, dependemos única e exclusivamente de indícios para inferir algo de seu discurso. Para tanto, utilizaremos a metodologia do “paradigma indiciário” de Ginzburg e da translinguística de Bakhtin.

Palavras-chave: Cartas joaninas, indícios, Ginzburg, Bakhtin, exegese.

Abstract

In the Johannine writings there are a discursive struggle between different interpretations of the questions: "Who is Jesus" and "how the interpretation was that his beloved disciple left his respect for their community." The voice of one wing of this dispute is perpetuated as canonical and is known to us through the final form that got John's Gospel and also the three letters attributed to the same author. The voice of another wing of the struggle was lost and their representatives have been known by posterity as heretics separatists. Through this text, we intend to rebuild this part of the speech taken as a separatist plot of the Johannine community, from I John 5.6-12. As they left no written legacy, we depend solely of vestiges to infer something of his speech. To this end we use the methodology of "indiciary paradigm" of Ginzburg and the translinguistic of Bakhtin.

¹ Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, membro do grupo de pesquisa de apocalíptica, misticismo e fenômenos visionários: Oráculo.

² Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, membro do grupo de pesquisa de apocalíptica, misticismo e fenômenos visionários: Oráculo.

Keywords: Johannine letters, clues, Ginzburg, Bakhtin, exegesis.

Introdução

O biblista norte-americano Raymond Brown, em seu livro *A comunidade do discípulo amado* (2006), apresenta sua teoria a respeito da história da comunidade que estava relacionada com o Evangelho de João e as três cartas atribuídas ao mesmo. Nessa obra é delineada a história da comunidade desde sua primeira fase, que acontece entre 50-80 d.C., na Palestina – ou em algum lugar próximo – através de judeus de diferentes grupos (um discípulo que conhecera Jesus pessoalmente, samaritanos, seguidores de João Batista, opositores ao templo, prosélitos e gentios).

A segunda fase, escrita na década de 90 d.C., seria marcada pela rejeição que os judeus dirigiram aos membros dessa comunidade, fazendo com que esses se dirigissem aos judeus da diáspora e aos gentios e passassem a se situar definitivamente em território gentio.

Na terceira fase da comunidade, aproximadamente década de 100 d.C., se estabeleceria dentre os diferentes grupos de crentes em Cristo, uma crise que vinha sendo ruminada desde as fases anteriores, devido à cristologia. A contenda se dava em torno da alta cristologia presente na comunidade desde o início do movimento. O que aconteceu foi que uma parcela da comunidade, a qual se tornaria separatista, elevou ainda mais a já alta cristologia, afirmando coisas as quais não sabemos por meio de textos provindos de seu próprio movimento, mas unicamente através das oposições expressas nos textos canônicos das *Cartas de João* (são as palavras e a voz desse grupo separatista que pretendemos ouvir através desse nosso texto).

Outrossim, ainda conforme Brown, houve uma quarta fase da comunidade (séc. II), em que as duas alas teriam destinos diferentes, se dissolvendo em movimentos cristãos maiores e mais expressivos. A parcela da comunidade representada pela carta entraria na Grande Igreja, enquanto que os separatistas se associariam ou estariam relacionados com movimentos sectários que foram posteriormente esmagados pela seita cristã majoritária – montanismo e gnosticismo – que se tornaria o cristianismo oficial, em detrimento de qualquer outra espécie de interpretação do cristianismo.

Como já afirmamos, o surgimento das cartas se deu na terceira fase da comunidade do “discípulo amado”. Cada uma dessas fases representa também diferentes estratos do *Evangelho de João*. A cada crise que se instalava a respeito de diferentes temas, mas especialmente relacionados à cristologia, os redatores representantes de uma ala da disputa explicavam questões que haviam sido supervalorizadas pelos opositores separatistas. Cada uma dessas explicações se fundiria com o texto inicial e o resultado disso é o *Evangelho de João* da maneira que chegou em nossas mãos. Essa foi a apresentação de Raymond Brown em seu livro *A comunidade do discípulo amado*.

Apesar de tomarmos os pressupostos de Brown a respeito dos estratos do *Evangelho de João* e do surgimento das *Cartas* antes do fechamento final do evangelho, temos uma leitura crítica dessa abordagem, pois há algumas décadas que o método histórico-crítico, no qual o autor se apoiara, vem ruindo, por isso o tomamos como uma ferramenta e não como método. Pois, apesar de sabermos da existência dos estratos, indicá-los, em muitos momentos, seria uma atitude arbitrária, que pode estar relacionada com a nossa própria ânsia de ver um texto da maneira que nos agrada. Isso se tornou particularmente evidente através de muitas abordagens histórico-críticas que levaram a conclusões muito diferentes e às vezes antagônicas do mesmo personagem bíblico. Por exemplo, cada autor, quando se dirige as escrituras, realiza os recortes que lhe sugerem que o personagem bíblico ou texto seja da maneira que lhe interessa. Assim, através do mesmo método histórico-crítico, o apóstolo Paulo foi retratado como um intelectual existencialista (Bultmann, 2008; Bornkamm, 2009; Goppelt, 2003; Kasemann, 2003), um teólogo protestante (Dunn, 2008; Ridderbos, 2006), um cristão gnóstico (Pagels, 1975, Harnack 1990), um revolucionário social (Horsley, 2006; Elliot, 1997), um místico (Rowland, 1982), dentre outros possíveis exemplos. Jesus e João também sofreram grande sorte de destoadas interpretações, porém em menor escala, mas nosso exemplo apenas pretende ilustrar a arbitrariedade que se impõe a pretensa neutralidade científica do método histórico crítico. Cada exegeta faz do seu objeto de pesquisa membro de sua seita.

Portanto, apesar de estarmos conscientes dos estratos no *Evangelho de João*, não apelaremos a esse argumento para obtenção de nossos objetivos. Tentaremos apenas descobrir o que a “voz do outro lado” dizia em resposta ou em questionamento à voz

que chegou até nós (dialogismo), pois o pensamento tem seu avesso, ou “o pensamento é um espelho duplo e ambas as faces podem e devem ser nítidas e desempanadas” (Bakhtin/Voloshinov, 2009, p.22) e esse tipo de exercício é bastante sugestivo que seja feito através dos indícios como nos direcionou Carlo Ginzburg em seu texto *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* (2001, pp.143- 179). Segue nosso esforço em tais direções.

Tradução de I Jo 5. 6-12³ a partir do texto grego.

6. Este é o que vem através da água e do sangue, Jesus Cristo:

não em água somente,

mas em água e em sangue

e o espírito é o que testemunha,

pois o espírito é a verdade.

7. por que três são os que testemunham:

8. O espírito, a água e o sangue,

e os três são por um.

9. Se o testemunho dos homens recebemos,

o testemunho de Deus (desde Deus) maior é,

pois, esse é o testemunho de Deus (desde Deus),

que testemunhou a respeito de seu filho:

10. o que crê no filho de Deus tem o testemunho em si mesmo,

o que não crê em Deus faz ele mentiroso,

por que não creu no testemunho

que Deus testemunhou a respeito de seu filho

³ Tradução efetuada pelos autores.

11. e este é o testemunho:

que a **vida** eterna Deus nos deu,
e esta **vida** em seu filho está

12. o que tem o *filho* tem a **vida**,

o que não tem o *filho* de Deus, a **vida** não tem.

Conteúdo

A redação desta epístola foi feita pela voz joanina, para o grupo que ficou. Desde o primeiro capítulo percebemos a maneira como o autor utiliza-se do discurso do outro grupo para corrigir as supostas distorções consideradas heréticas dos dissidentes e apascentar o grupo que permaneceu na comunidade, de forma a evitar que outros se levantassem com o mesmo discurso. Sobre o discurso dos que saíram, trataremos noutro momento.

O texto começa falando de água e sangue (v.6), dizendo que Jesus Cristo é aquele que veio por meio da água e do sangue. Ainda no v.6, o texto diz que ele não veio somente em água, mas em água e em sangue. Conforme um consenso passível de crítica, a maioria dos comentaristas diz que a água significa o batismo e o sangue, a morte de Cristo. É interessante que estes termos só ocorram aqui (v.6 e v.7), portanto é um assunto novo. De tudo o que já se havia discutido antes, agora surge um novo tema. No v.7 surge mais um termo, espírito. Então temos agora três termos, espírito, água e sangue, e os três são um. No v.6 também diz que o espírito é o que testemunha, e que o espírito é a verdade.

O termo água ocorre quatro vezes, sangue, três vezes e espírito, três vezes. Ainda no v.6 inicia o tema do testemunho, *e o espírito é o que testemunha, pois o espírito é a verdade*. O termo testemunho ocorre onze vezes nesta perícopa. Na primeira parte do v.6 o texto fala apenas em água e sangue, e no final do versículo surge o novo assunto, o espírito. O texto diz que o espírito é aquele que testemunha, e que este mesmo espírito é a verdade. O evangelho de João 14.17 diz: *o espírito da verdade, que o mundo não pode receber, pois não o vê nem [o] conhece; vós o conheceis pois*

permanece junto a vós e está em vós. O mundo não tem o espírito da verdade e nem o pode receber, somente a comunidade joanina recebeu e nela permanece o espírito da verdade. Este é o que testemunha da verdade.

No v.7 o texto diz que agora são três os que testemunham, e no v.8 mostra quem são estes três, o espírito, a água e o sangue; e depois afirma que estes três são por um. A igreja cristã institucionalizada logo identificou isso com a trindade, embora não esteja muito claro o porquê do testemunho destes três elementos. O termo testemunho ocorre onze vezes nesta perícopes. Isto nos mostra que o testemunho é o tema central da perícopes.

No v.9 aparece a expressão “testemunho dos homens” e “testemunho de Deus”. Isto é uma oposição, um grupo tinha o testemunho dos homens e outro o testemunho de Deus. Parece um conflito, e que o grupo de João era o que tinha o testemunho de Deus, aqui ocorre um genitivo, que vem de Deus ou desde Deus. Em contraposição vemos o outro grupo que tinha o testemunho dos homens, aqui também ocorre um genitivo ou ablativo plural, denotando origem, procedência, mostrando que o testemunho dos que saíram tinha origem nos homens. O v.9 termina a primeira parte afirmando que o testemunho de Deus é maior que o dos homens. A segunda parte do v.9 inicia com uma conjunção *o[ti]* que introduz uma declaração direta, que inicia uma explicação sobre qual é o testemunho de Deus, que tem origem em Deus. Diz que esse é o testemunho de Deus testemunhado a respeito de seu filho. A explicação para qual é o testemunho de Deus está no v.10.

O v.10 começa dizendo que *o que crê no filho de Deus tem o testemunho em si mesmo.* Depois diz que o que não crê faz de Deus um mentiroso. Para ter o testemunho de Deus é necessário crer no filho de Deus, aquele que vem não somente em água, mas em água e sangue, e o próprio espírito é o que testemunha, e este espírito é a verdade. Só quem tem esta verdade é aquele que vê e conhece o espírito, e o espírito da verdade permanece nele e está nele. No v.10 o tema central é o verbo crer, crer no filho de Deus e crer no testemunho. O termo crer ocorre três vezes neste versículo. O que não crê em Deus nem no testemunho que vem de Deus a respeito de seu filho, faz de Deus um mentiroso. Mas o que é de fato este testemunho?

O v.11 responde esta pergunta. Ele começa dizendo *e este é o testemunho.* Aqui temos o conteúdo do testemunho que desde o v.6 o texto vem apresentando. O

testemunho é testemunhado pelo espírito e o espírito é a verdade, logo o testemunho é verdadeiro. Mais adiante, o espírito, a água e o sangue também são os que testemunham, e estes três são por um. Adiante vemos uma oposição, o testemunho dos homens e o testemunho de Deus; e que o testemunho de Deus é maior que o dos homens. Qual é o testemunho de Deus que ele tem testemunhado a respeito do seu filho? Aquele que crê no filho tem o testemunho em si mesmo; aquele que não crê faz de Deus um mentiroso, porque não creu no testemunho de Deus a respeito de seu filho. Tudo isso foi uma introdução para dizer qual é de fato esse testemunho, em que consiste o testemunho de Deus, do qual o espírito, a água e o sangue são testemunhas? A resposta está na segunda parte do v.11 e no v.12.

Na segunda parte do v.11, o testemunho é *que a vida eterna Deus nos deu*, neste texto ocorre o pronome “nos”, “nos deu”, mostrando que a vida eterna foi dada por Deus para o grupo que ficou na comunidade. Essa vida está no filho de Deus. No v. 12 tem a continuação deste discurso, e a afirmação de que aquele que tem o filho, esse tem a vida. Desta forma, aquele que não tem o filho, também não tem a vida. O grupo que ficou na comunidade é o que tem o filho e, portanto, tem a vida. Os que saíram, são os que não têm a vida, porque não tem o filho e não creram no testemunho de Deus, mas no testemunho de homens.

Delimitação, segmentação e estruturação

A exegese histórico-crítica tradicional apresentou, desde muito tempo atrás, a necessidade de definir o começo e o término de um texto, intitulado esse exercício como “delimitação de perícopes”. Sem dúvidas essa é uma necessidade óbvia para análise de qualquer texto, já que os manuscritos neotestamentários que chegaram a nossas mãos foram redigidos em escrita contínua. O problema que resulta disso é a forma como essas perícopes foram delimitadas, queremos dizer, quais os itens que foram elencados como “actantes textuais”. Não são problemáticos para uma análise literária, mas seriam para o exercício de ouvir a voz que não está no texto, já que tal exercício se ancora na necessidade de retornar uma oralidade que está por trás do texto escrito e tornado carta, o qual chegou a nossas mãos.

Crítérios literários não auxiliam muito em tal exercício, visto que não passariam de práticas filológicas. Filológicas, na medida em que o texto não é uma voz ativa que responde a outra, mas apenas uma quantidade de palavras estáticas que são parte de um discurso monológico, autônomo e ilhado. Porém, se considerarmos o texto que analisamos, a nossa perícópe, como uma palavra que surge na seqüência e por necessidade de outra, e que também é geradora de outras, então teremos que olhá-la como palavra viva e em movimento, e nossos critérios para delimitar seu começo e seu fim deverão se basear em elementos que retomem a já referida oralidade.

Devido ao mesmo critério de considerar a perícópe como texto vivo e não morto, surge em conseqüência outros critérios de segmentação. Em vez de nos ancorarmos na “oração”, no aspecto frasal, como unidade básica, como os histórico-críticos fizeram, conforme sugere Cássio M. D da Silva ao citar W. Stenger, “A regra aqui é que cada frase, principal ou secundária que seja, tenha um só verbo (...)” (2003, p. 85), embora saibamos que existe certa variação significativa nas regras do método histórico-crítico de segmentação.

No entanto, seguindo as teorias discursivas bakhtinianas, nos ancoraremos no “enunciado” como real unidade de comunicação, pois, quanto à oração, a temos em conta como unidade da língua, por sua natureza gramatical e por não possuir os critérios delimitatórios que o enunciado prescinde, os quais são: 1) delimitação de ambos os lados pela alternância dos sujeitos do discurso; 2) contato imediato com a realidade (com a situação extraverbal); 3) contato com enunciados alheios; 4) capacidade de suscitar resposta. Simplificando, “a responsividade”, é o critério principal de delimitação de um enunciado (Bakhtin – *Os gêneros do discurso* 2010, pp. 261-306).

Como será notada abaixo, a mudança dos actantes fez com que nossa perícópe se estruture em duas partes, apesar de que em uma análise literária continuaria sendo uma, devido ao termino evidente do trecho anterior, que se encerra com uma frase típica de fechamento (*I Jo 5.5b*) e o trecho seguinte inicia um novo assunto (*I Jo 5. 6*), enquanto que o assunto até o versículo 5 é algo relacionado com o evento de ser nascido de Deus, a partir do versículo 6 o assunto será algo relacionado com o testemunho de Deus.

Para realizar nossa proposta de segmentação, portanto, precisamos definir a capacidade responsiva de um enunciado, e para isso temos que moldar um interlocutor

imaginário, com frases arbitrarias, que funcione como um actante da fala do sujeito do discurso. Pois, “não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedam e o sucedam” (2010, p. 371)

Nesses moldes, nos arriscamos a realizar a delimitação e a segmentação de nossa perícopes da seguinte maneira:

A	<p>1. <u>Este é o que vem através da água /e do sangue, /Jesus Cristo:</u> <i>Só da água?</i></p> <p>2. não em água apenas,/ mas em água e em sangue /e o espírito é a testemunha, <i>Por quê?</i></p> <p>3. pois o espírito é a verdade. <i>Por quê?</i></p> <p>4. por que três são os que testemunham:/ o espírito,/ a água/ e o sangue,/ e os três são por um.</p>
B	<p>1. <u>Se o testemunho dos homens recebemos,/ o testemunho de Deus é maior,</u> <i>Por quê?</i></p> <p>2. pois esse é o testemunho de Deus,/ que foi testemunhado a respeito de seu filho: <i>quem?</i></p> <p>3. “o que crê no filho de Deus/ tem o testemunho em si mesmo,/ o que não crê faz/ com que Deus tenha sido seu mentiroso,/ por que não creu no testemunho/ que Deus deu a respeito de seu filho” <i>qual?</i></p> <p>4. e este é o testemunho:/ “que a vida eterna Deus nos deu,/ e esta vida está em seu filho /O que tem o filho tem a vida,/ o que não tem o filho de Deus/, não tem a vida”</p>

Aqui temos duas afirmativas do sujeito do discurso (A.1. e B.1.) que através das demais sentenças explica a primeira afirmativa. Apesar de se deslocar em duas afirmativas, há uma coesão na argumentação que nos permite manter a perícopes unida, apesar de sabermos que a delimitação de perícopes é, no fim das contas, um exercício arbitrário, mas o estabelecimento dos enunciados nunca é. Existem regras sólidas para isso.

Após tal segmentação e estruturação podemos assumir, timidamente, que esse tipo de enunciado pressupõe um interlocutor a ser instruído, abaixo do sujeito do discurso numa hierarquia intelectual e espiritual, um interlocutor a ser instruído, inferior a ponto de ser chamado em vários momentos de filhinho. O polêmico não é o interlocutor, mas alguém que está fora do âmbito direto desse diálogo, do qual

pretendemos ouvir a voz. Para tanto, ainda temos que dar mais alguns passos antes de arriscar nossos palpites.

Gênero literário e discursivo

Já foram levantados sérios questionamentos quanto ao gênero literário de *I João*, a ausência de elementos imprescindíveis em uma carta autêntica – como nomeação do remetente, saudações iniciais, motivações concretas, referências a nomes dos membros da comunidade que recebe a carta, dentre outras faltas – fez com que esse escrito se aproximasse de um “tratado”, ao que diz respeito ao seu gênero (Vielhauer, 2005, pp. 490-491).

Mas, independente do gênero literário e ainda que esta seja uma carta fictícia, o que nos interessa de forma particular é o seu gênero discursivo. Quando nos referimos aos gêneros do discurso, retomando Bakhtin, pretendemos salientar sua dimensão dialógica, ou seja, o fenômeno que ocorre na esfera dos interlocutores, no efeito do diálogo, que é uma corrente ininterrupta e constante de pergunta e resposta *ad infinitum*. Pois as formas de gênero são infinitas, assim como são infinitas as formas de atividade humana, com as quais os gêneros sempre estão necessariamente relacionados.

Dessa maneira, Bakhtin compreende que o gênero do discurso se manifesta na comunicação, através do tom da voz e através de uma série de códigos implícitos que são percebidos pelos interlocutores, mas que ficaria sem sentido para aquele que está fora do âmbito desse diálogo. Como aquelas piadas regionalistas, ou aqueles insultos que um amigo faz ao outro através de um xingamento que não é compreendido como ofensa, mas como expressão de laços íntimos de amizade ou familiaridade.

Pois, em um diálogo não há passividade nem no sujeito do discurso, tampouco no ouvinte, visto que, conforme Bakhtin:

(...) toda compreensão plena e real é responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma que ela se dê). O próprio falante está determinando precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc. (os diferentes gêneros do discurso pressupõem diferentes diretrizes de objetivos, projetos de discurso dos falantes ou escreventes) (2010, p. 272).

Essas palavras de Bakhtin representam aquele mesmo processo que Carlo Ginzburg intitulou como “filtro deformador” em seu livro *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição* (1997). Nesse livro, Ginzburg explica o processo hermenêutico, ou epistemológico, que ocorria através da leitura que um moleiro friuliano realizava de alguns escritos religiosos. Adaptando suas leituras a elementos de sua própria imaginação e de seu cotidiano, assim como as relacionava a outras leituras, mas que nada tinham a ver com aquilo que estava escrito propriamente nos livros consultados.

Portanto, as palavras que compõem um diálogo - seja ele manifesto através de leituras, comunicação verbal, inscrições em paredes, ou por qualquer outro meio que realize uma ligação comunicativa entre dois indivíduos - são sempre neutras. Pois possuem uma ambivalência intrínseca que só pode ser discernida pelo gênero discursivo, que é muito negligenciado pelos estudiosos de literatura em geral e especialmente pelos exegetas bíblicos, que normalmente só levam em conta o gênero literário, exceto em algumas obsoletas pesquisas como a da *ipsisima vox*.

Mais uma vez, conforme Bakhtin: “falamos apenas através de gêneros sem suspeitar que eles existam, pois eles nos são dados da mesma forma da língua materna” (2010, p. 282), pois através do gênero se torna possível adivinharmos o discurso alheio (2010, p.283). E, caso seja possível que se domine uma língua, sem que se domine os seus gêneros, estes se tornam indispensáveis para a compreensão mútua em um diálogo (2010, p.284), pois são eles que dão coesão à compreensibilidade de um enunciado (2010, p.286).

Esses fatos fazem com que seja impossível listar esses gêneros, principalmente por que surgem novos com o passar do tempo, como os que vêm sendo desenvolvidos nos meios de comunicação eletrônico, como torpedo sms, e-mail, chat, blog, etc.

Desta forma, levando em conta a particularidade dos gêneros discursivos, intitulamos o gênero discursivo de *I João* 5. 6-12 como “apologético-pastoral”, pois como nos mostrou a segmentação e estruturação, o interlocutor é alguém que precisa de proteção, devido a sua inferioridade na hierarquia intelectual e espiritual. Acrescentamos o termo pastoral por que a apologia que pressupomos é uma apologia intra-eclesiástica, não está polemizando com quem saiu. Estes nem sequer merecem o

diálogo, pois são os anticristos (1.18-19), são trevas (1.6). A apologia não polêmica, mas pastoral, se dirige aos membros da comunidade aos quais a carta é endereçada. Não se pronunciam palavras tão críticas em vão, o tom que o sujeito do texto se refere aos que saíram da comunidade é altamente odioso, enquanto que os membros da comunidade são tratados como filhinhos. O sentimentalismo que envolve as palavras do sujeito enuvia ainda mais a palavra do outro em mistério. Ninguém fala a verdade a respeito de seu oponente, ainda mais quando ele é um concorrente, uma ameaça direta.

E a voz dos que saíram?

Depois dessa incursão no discurso de *I Jo* 5.6-12 podemos, finalmente, dizer algo a respeito do discurso de quem saiu da comunidade, pois temos algumas proposições a respeito de suas idéias.

Se os que saíram eram oponentes da voz do que redige a carta, as duas afirmativas básicas realizadas pelo autor da carta (A.1. e B.1.) são o oposto daquilo que afirmou os que saíram. Portanto, chegamos às nossas primeiras conclusões invertendo os enunciados de *I Jo* 5.6-12 ao avesso: *Jesus não vem necessariamente através da água e sangue (talvez apenas através de um dos elementos); Temos o testemunho dos homens (pelo menos o deles).*

Primeiramente, interpretar o que o autor da carta quis dizer com o termo: “vir através da água e do sangue” é um tanto arbitrário, porém arriscaremos nosso palpite a esse respeito. Já afirmamos que o “vir através da água” está relacionado com o batismo e que o “vir através do sangue” está relacionado com a morte. E já afirmamos também que os oponentes da voz da carta de *I João* afirmavam que Jesus não vem através da água e do sangue, mas apenas através de um deles, da água. Isso nos leva a entender que os que saíram acreditavam no batismo, embora não acreditassem que Jesus veio pelo sangue, isto é que ele morreu, e que essa diferença implicava na liturgia da ceia, onde se afirma que o sangue de Cristo está presente.

Em segundo lugar, o que a voz que redige a carta quis dizer ao afirmar que tem o testemunho de Deus? Essa frase deixa a entender que os oponentes tinham o testemunho dos homens, e apenas o testemunho dos homens, segundo eles. Isso parece

sugerir que o crédito que possuía os que saíram da comunidade era devido a testemunhos de homens, isso quer dizer, alguma espécie de sinal ou de evidencia fazia com que homens testemunhassem em favor deles. Isso levou o emissário da carta a acrescentar que ao testemunho de homens eles possuíam o testemunho do próprio Deus.

Não possuir o testemunho de Deus é consequência de não crer em seu filho (B.3.), ou seja, não crer no filho gera uma contradição irreversível, pois quando se duvida do filho de Deus, se duvida de Deus (B.2.). Consequência óbvia é que esses que não crêem no filho não tem a vida, mas lembre-se quem afirma isso é um oponente, e nem sempre somos sinceros quando nos referimos a nossos oponentes, o que sabemos que eles afirmaram é apenas que eles possuem o testemunho de homens.

Contudo, lembremo-nos que testemunhar a respeito de si mesmo não é nada sugestivo para o ambiente da comunidade de João. Ao menos é isso que sugere *Jo* 5. 31. É isso que o autor da carta evoca quando questiona o testemunho dos homens referido pelos seus oponentes. Mesmo o testemunho dos homens não significa grande coisa, conforme o próprio Jesus (5.34), contudo ele serve provisoriamente. O testemunho deveras importante é o testemunho do pai, o qual logicamente, segundo o autor da carta de João, os oponentes não têm.

Retomando e refinando nossas afirmativas, tendo por referencial o método apresentado por Carlo Ginzburg, em seu texto *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* (2001, pp. 143 – 179), seguimos na análise do texto buscando os indícios do discurso dos que saíram, através do discurso de João para os que ficaram. Sabendo que foi possível desde o primeiro capítulo desta epístola, em comparação com o prólogo e outros textos do evangelho de João, encontrar a voz do grupo que saiu da comunidade. No discurso de João percebemos tais indícios, pois houve um conflito, uma ruptura na comunidade joanina, e João está corrigindo, exortando e animando os que ficaram. Vários temas convergentes e divergentes, como Luz e trevas, mentira e verdade, a ascese – revelação direta do Pai, o denominar-se filho de Deus, assumindo a posição de Jesus Cristo, filhos de Deus e filhos do diabo, os que não praticam a justiça e nem amam seu irmão não são filhos de Deus, etc. Há diversos indícios que nos permitem compor o discurso, a voz do grupo que saiu.

Nesta perícopes percebemos temas que são citados por João, que fazem parte do seu próprio discurso e também do discurso do outro. Vejamos a tabela a seguir:

Discurso dos que ficaram	Como João apresenta os que saíram para sua comunidade	Discurso dos que saíram
Jesus vem através da água e do sangue	Jesus vem somente através da água	Jesus vem somente através da água
O Espírito é o que dá testemunho, e o Espírito é a verdade	(Não têm o Espírito que é a verdade)	Não precisam de outro (o espírito ou o próprio Jesus) para dar testemunho, pois tem acesso direto ao Pai
Os três dão testemunho: o espírito, a água e o sangue	(Não têm o testemunho dos três)	<i>Idem.</i>
Tem o testemunho de Deus (que vem de Deus): O testemunho de Deus é maior	Tem o testemunho dos homens (que vem dos homens): O testemunho dos homens é menor	Tem o testemunho de Deus, pois eles mesmos vêm de Deus
Crê no filho, tem o testemunho	Não crê no filho, não tem o testemunho, e faz de Deus um mentiroso	Eles mesmos são os Filhos de Deus, foram feitos filhos de Deus
Deus nos deu a vida eterna A vida está no seu filho	(Deus não lhes deu a vida eterna)	Tem a vida eterna porque são filhos de Deus
Tem o filho e tem a vida	Não tem o filho e não tem a vida	Tem a vida porque são filhos de Deus

Vemos através da tabela como o discurso do outro estava presente no discurso de João. O fato de João trazer para sua comunidade o testemunho de Deus e afirmar que o grupo que saiu tem o testemunho dos homens significa que o grupo que saiu afirmava possuir o testemunho de Deus, pois eles alegavam ter acesso direto a Deus e tinham a posição de Cristo. Por terem conceitos mais místicos, assumiam que tinham o espírito da verdade, mas João diz que o espírito da verdade é aquele que testemunha que Jesus vem através da água e do sangue. Possivelmente por eles acreditarem que Jesus não tinha vindo em carne, o grupo que saiu não tinha o testemunho do filho, porque eles mesmos se consideravam filhos de Deus, conforme o prólogo do evangelho de João e os primeiros capítulos de sua epístola. E eles possuíam a vida por serem os filhos de Deus e terem a revelação direta vindo de Deus.

João refuta todos estes argumentos dizendo que Jesus vem através da água e do sangue, e que o espírito testifica isso, pois o espírito é a verdade. E que três dão testemunho, o espírito a água e o sangue, e que estes três são por um. O grupo que ficou na comunidade é o que tem o testemunho de Deus e que o testemunho de Deus é maior. E porque eles tinham o testemunho de Deus? Porque eles criam no filho. E por serem no filho, eles tinham a vida eterna, já que a vida está no filho de Deus e quem tem o filho, esse também tem a vida.

Toda essa argumentação é representante daquela citação que tornamos a repetir: “o pensamento é um espelho duplo e ambas as faces podem e devem ser nítidas e desempanadas” (Bakhtin/Voloshinov, 2009, p.22). Pois, certamente, o grupo que saiu da comunidade de João acreditava que Deus estava do lado deles e que os que permaneceram na comunidade eram o lado mal da disputa.

Mas o cânon imortalizou a legitimidade do discurso dos que ficaram, e apenas deles, e não nos cabe a nós, que nos distanciamos por quase dois milênios do evento, arbitrar na legitimidade de um lado da disputa contra a ilegitimidade do outro, pois, mesmo que se inverta o julgamento tradicional, isso não passará de um juízo incerto baseado em pressupostos formulados recentemente que fogem da lógica das comunidades cristãs primitivas. O evento só poderia ser valorado na imediatez axiológica do momento do diálogo concreto. Porém, permanece, para os cristãos contemporâneos, a lição das conseqüências da falta de tolerância, talvez legítima àquele momento, mas ilegítima à atualidade, a qual faz com que por atrás da leitura canônica efetuada nos sermões nos cultos cristãos, ressoe timidamente o clamor da voz dos rejeitados que saíram e que saem das nossas comunidades por diferenças de pensamento.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *Os gêneros do discurso*. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, pp. 261-306.

_____. *Apontamentos de 1970-1971*. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, pp. 367-392.

_____/VOLOSHINOV, Valentin. *Freudismo*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BORNKAMM, Gunthe. *Paulo: vida e obra*. Santo André: Academia Cristã, 2009.

BROWN, Raymond. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulus, 2006.

BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André: Academia Cristã, 2008.

DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo – 2ª edição*. São Paulo: Paulus, 2008.

ELIOT, Neil. *Libertando Paulo: A justiça de Deus e a política do apóstolo*. São Paulo: Paulus, 1997.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick. *Léxico do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição – 9ª edição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Mitos emblemas e sinais: morfologia e história – 3ª edição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento - 3ª edição*. São Paulo: Paulinas, 2003.

HARNACK, Adolf Von, *Marcion: The gospel of the alien god*. Durham: The Labirinth Press, 1990.

HORSLEY, Richard A, (Org.). *Paulo e o Império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004.

KASEMANN, Ernst. *Perspectivas paulinas*. São Paulo: Teológica, 2003.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutche Bibelgesellschaft, 1993.

PAGELS, Elaine. *The gnostic Paul – Gnostic exegesis of Pauline letters*. Philadelphia: Fortress Press, 1975.

RIDDERBOS, Herman. *Teologia do apóstolo Paulo – A obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo aos gentios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

ROWLAND, Christopher. *The open heaven: A study of apocayiptic in judaism and early Christianity*. Nova York: Crossroad, 1982.

SILVA, Cassio Murilo Dias. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.

VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva: uma introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos e aos Pais Apostólicos*. Santo André: Academia Cristã, 2005.